

REENCONTRAR TUA VOZ EM MEIO À UMA REALIDADE ALGOZ

Texto escrito a partir da peça *Além do Rio*, montagem do Teatro Universitário da UFMG, apresentada na programação do FETO na FUNARTE-MG em 19 de outubro de 2022.

- Por Clóvis Domingos -

Historicamente, o projeto perpetrado pelo racismo estrutural não somente produziu a violência, a exploração e a desumanização dos sujeitos negros como também operou intensamente através da produção de discursos e criação de dispositivos de branqueamento que sempre atuaram como poderosos instrumentos que até hoje não cessam de se atualizar. Uma ideologia perversa que sempre pretendeu legitimar o branco como categoria universal e majoritária na hierarquia social e não apenas como mais uma cultura em meio a outras. Inclusive vale lembrar que o sujeito branco nunca é racializado e seus privilégios raramente são questionados. Vivemos numa sociedade desigual, brancocêntrica e com forte vocação colonial que a todo custo evita e resiste a participar do debate multirracial, mais preocupada que está na manutenção do “pacto narcísico da branquitude”.

Como efeito e resto produzidos pela incessante inferiorização das culturas negras pelo Ocidente, o que se acarretou foi a busca por ideais e valores brancos. O “mito da democracia racial” foi exitoso em nos alienar de nossa condição de **SUJEITOS PRETOS** e nos forçar a desejar e comprar modelos outros de existência e identificação. O campo das artes também foi profícuo na colaboração, sistematização e imposição de inúmeros silenciamentos e invisibilidades sobre essas opressões. Entretanto, desde as últimas décadas, tal panorama vem se transformando através das lutas empreendidas pelo Movimento Negro Brasileiro, e, no caso das artes cênicas, nos últimos anos, suas *caixas pretas* de fato vêm sendo ocupadas por **PELES NEGRAS**. Tais reflexões, constatações e tensões para mim estão abordadas na vigorosa montagem do texto *Além do Rio* de autoria de Agostinho Olavo realizada pelos discentes-criadores do Teatro Universitário da UFMG com direção de Rogério Lopes e apresentada na atual programação do FETO.

Além do Rio foi escrita em 1957 para o *Teatro Experimental do Negro* (TEN), importante grupo teatral coordenado por Abdias do Nascimento e cuja história nos apresenta o drama de uma rainha africana que, após uma paixão arrebatadora por um comerciante (homem

branco) de escravizados, acaba abandonando suas tradições e traindo sua família e seu povo. Mais tarde Medea (nome de batismo dado à negra Jinga) cairá em desgraça quando se vê rejeitada por seu amor (Jasão) e expulsa da ilha na qual vive, sendo condenada a se refugiar no “*além do rio*”, isto é, num lugar hostil onde não poderá encontrar meios de sobreviver devido ao forte preconceito racial. O mito grego criado originalmente por Eurípedes é transposto por Olavo para um cenário escravista racial e religioso no Brasil do século XVII. O texto nos mostra como a personagem, a duras penas, precisará reencontrar sua voz enquanto uma mulher negra em meio à uma realidade algoz.

Uma tragédia negra e feminina

O espetáculo apresentado pelos artistas do Teatro Universitário da UFMG nos brinda com diversas referências à cultura afro-brasileira, principalmente através da musicalidade e corporalidade da equipe de criação, formada predominantemente por criadores e criadoras negras. A circularidade, o ritual, a força e beleza das sonoridades e a atuação do conjunto são elementos que merecem destaque. Na apresentação realizada na FUNARTE-MG, como espectadores, percorremos três diferentes espaços numa dinâmica que nos movimentava e ao mesmo tempo nos convocava para dentro da cena. “*Não tem como deixar teu corpo de fora*”!

A adaptação contemporânea feita pelos artistas dessa obra do moderno teatro brasileiro ganha contornos performativos e é perpassada e potencializada por operações como metalinguagem, contextualização, intertextualidade, traços historiográficos e coralidade das principais personagens que se veem multiplicadas por corpos e corpas através da possibilidade de modos singulares de atuação, numa *politização das diferenças*. Tais escolhas dialogam diretamente com as questões urgentes que envolvem o debate sobre sexualidades, representatividades e direitos de pertencimento social e artístico. O corpo robusto da colonialidade (seja de gênero, raça ou classe) se vê de alguma forma atravessado, ferido e problematizado. Considero muito importante esse enfrentamento e provocação frente a essas reivindicações que estão aí colocadas na arena há tempos e que não precisamos mais repetir os mesmos erros e omissões do passado.

Uma marcação fica estabelecida na geografia espacial e discursiva dessa montagem de *Além do Rio*: as personagens negras estão no centro do palco, são “**PRETAGONISTAS**”, cabendo assim à parte do “elenco branco” o lugar de plateia que se vê agora na posição de escutar (ou seria se calar? “Mas será que conseguem?”), e

testemunhar aquilo que acontece na história da peça. Ao mesmo tempo funciona como um grupo de comentadores daquilo que assistem reproduzindo falas racistas e com PURO teor de ressentimento. Mesmo “fora” de cena a branquitude (numa excelente proposta crítica do trabalho) parece não se conformar e insiste em “passar vergonha”. *Nada diferente da vida real e cotidiana, né, gente?* Numa dupla enunciação também representariam a sociedade branca da época que se regozija com a ruína da personagem negra.

Eu reencontro a minha voz em meio a NÓS

É o retorno de Jinga às suas raízes e sua passagem de subalterna e colonizada rumo ao seu processo de conscientização e valorização enquanto mulher preta e rainha de sua história o que mais me flecha em *Além do Rio*. Isso também parece ser o propósito coletivo que está ali na força vibracional desses vinte artistas e **VOZES** em cena. Todos e todas **NÓS** queremos escrever um capítulo novo na história da vida social e das artes.

Jinga não pode mais deixar de ouvir o som dos tambores e os clamores de seus ancestrais e de sua gente.

Nós já estamos ouvindo.

Nós estamos reencontrando nossa voz.

E vocês?

Quando é que vocês vão decidir nos **ESCUTAR** de verdade?

Porque tudo isso:

DÓI

NA

PELE.